



GT 23. Ciganos em uma perspectiva antropológica

Coordenador(es):

Mirian Alves de Souza (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1

Debatedor/a: Mercia Rejane Rangel Batista (UFCG - Universidade Federal de Campina Grande)

Sessão 2

Debatedor/a: Felipe Berocan Veiga (UFF - Universidade Federal Fluminense)

A reflexão sobre o tema dos ciganos tem congregado pesquisadores envolvidos com os grupos ciganos no Brasil e exterior. Iniciamos discussões no âmbito local e mantivemos a temática na forma de GTs, nas Reuniões de Antropólogos do Norte-Nordeste, nas Reuniões Brasileiras de Antropologia e no Congresso Mundial da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences. Deste modo, objetivamos dar continuidade aos debates, e ao mesmo tempo discutir a produção etnográfica sobre grupos ciganos. Analisando os processos de construções identitárias; propondo uma reflexão sobre a (in)visibilidade desses sujeitos em diferentes cenários políticos; problematizando como os projetos políticos das organizações ciganas são moldados por diversas imaginações étnicas e nacionalistas; e indagando o papel da produção antropológica na mediação entre os sujeitos estudados e as esferas públicas, o GT pretende fomentar um campo de interlocução em uma perspectiva antropológica e etnográfica, especialmente no Brasil. Para esta edição, as coordenadoras e debatedores propõem apresentar um balanço do campo de estudos nos últimos anos, focalizando a produção acadêmica que passou pelas edições do GT, e que foram elaboradas em diálogo e no âmbito de diferentes programas de pós-graduação na área de antropologia e das ciências sociais, núcleos de pesquisa, laboratório e redes científicas, associações ciganas, organizações não governamentais, e diferentes esferas do estado e da sociedade.

Discutindo ativismo político entre mulheres Romani e Calin

Autoria: Jamilly Rodrigues da Cunha (Colegi), Renato Monteiro Athias Olga Magano

O objetivo deste work é analisar e compreender a atuação de mulheres ciganas nos processos de construção, demarcação identitária e de ativismo político. Para tal, selecionamos algumas mulheres com trajetórias bastante distintas no sentido de revelar também diferentes formas de ser dentro deste universo. A tese considera as histórias de vida de duas interlocutoras principais e a partir delas adentramos em outros contextos que nos ajudam a compreender como a mulher cigana é percebida nas arenas que se inserem, bem como é orientada e julgada nos espaços domésticos. A ideia de realizar um recorte de gênero se faz no reconhecimento da existência de ciganas que estavam ultrapassando limites impostos tradicionalmente e se enunciando enquanto agentes políticas, mesmo em contextos nos quais as diferenças de gênero são bastante demarcadas e a ideia de uma mulher enquanto alguém possuidora de poder esbarra no senso coletivo que diz que quem manda ali são os homens. O exercício etnográfico de analisar essas mulheres em atuação nos fez abandonar as orientações mais clássicas do 'fazer antropológico', que nos norteia a realizar profundas imersões nos contextos que decidamos observar, para assim acompanhá-las a partir da rede de relações que tecem. Neste work, além dos dados descritivos e etnográficos, iremos, sobretudo, priorizar as vozes de nossas interlocutoras. Nas estratégias por elas traçadas, alguns temas se confundem com suas existências. O preconceito é uma das lutas que decidem travar no sentido de recusar os estereótipos que as



relaciona a uma eterna e, por vezes, classificada enquanto natural posição de desviantes e imorais. Em seus projetos políticos recusam formas pejorativas e algumas agentes têm exigido que nos processos de identificação e nomeação seja utilizado o termo Romani como categoria politicamente correta por seu caráter endógeno e representativo. Destarte, nosso work reflete suas formas cotidianas de resistência e como ocupam os espaços públicos, para que assim consigamos responder o que querem essas mulheres.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: